

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

THAYSON SANTOS DE MELO

**THEATRO CARLOS GOMES E A HISTÓRIA DO TEATRO EM
ARACAJU NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

**São Cristóvão
2021**

THAYSON SANTOS DE MELO

THEATRO CARLOS GOMES E A HISTÓRIA DO TEATRO EM
ARACAJU NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em História
do Departamento de História da Universidade Federal de
Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciada em história

Orientador: Prof. Claudefranklin Monteiro Santos

São Cristóvão
2021

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo sobre o teatro em Aracaju, tendo como foco único à princípio o Cine Theatro Carlos Gomes, fundado em 1904 por Nicolau Pungitori na antiga rua Japarutuba hoje conhecida como rua João Pessoa, centro da cidade. Ao se estudar o Cine Theatro, procurei efetuar um levantamento sobre sua origem, representatividade e atuação. Desta forma, o recorte temporal deste trabalho a partir de sua fundação até o momento que ele muda de nome e passa a ser conhecido como Cine Theatro Rio Branco, em homenagem ao Barão de Rio Branco. Para elaborar esta pesquisa, utilizei como uma das principais fontes artigos de jornais da época. Desta forma, busquei encontrar notícias referentes a apresentações de companhias dramáticas, atores e atrizes, peças desempenhadas e a sua repercussão social, como também por se tratar de um cine teatro fiz um levantamento dos principais filmes nele exibidos para população e o fiz uma análise do caráter destas fitas.

Palavras-chave: Cine Theatro Carlos Gomes – Cinema – Aracaju

SUMMARY

The present work aims to carry out a study on theater in Aracaju, having as its sole focus at first the Cine Theatro Carlos Gomes, founded in 1904 by Nicolau Pungitori in the former Japarutuba street, now known as João Pessoa street, downtown. When studying Cine Theatro, I tried to survey its origin, representativeness and performance. Thus, the time frame of this work from its foundation until the moment it changes its name and becomes known as Cine Theatro Rio Branco, in honor of the Baron of Rio Branco. To elaborate this research, I used articles from newspapers of the time as one of the main sources. In this way, I sought to find news regarding presentations by dramatic companies, actors and actresses, plays performed and their social repercussion, as well as, as it is a cine theater, I surveyed the main films shown there for the population and did an analysis of the character of these ribbons.

Keywords: Cine Theatro Carlos Gomes – Cinema – Aracaju

SUMÁRIO

Apresentação	6
ARACAJU NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	6
THEATRO CARLOS GOMES – ASPECTOS HISTÓRICOS.....	10
THEATRO CARLOS GOMES – ASPECTOS CULTURAIS.....	19
CONSIDERAÇÕES	
FINAIS.....	28
Referências.....	29

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo realizar o estudo da dramaturgia aracajuana do início do século XX, tendo foco a instituição Cine Theatro Carlos Gomes, fundado em 1904 por Nicolau Pungitori na antiga rua Japaratuba, hoje conhecida como rua João Pessoa.

Ao estudar esta instituição, foi feito o levantamento de sua origem, representatividade e atuação, ao mesmo passo observando e analisando o desenvolvimento da pequena capital e a sua vida cultural, tentando compreender o papel que o teatro na vida social dos cidadãos, seja desempenhado como fonte de entretenimento, amparo social ou educativo.

Para se elaborar esta pesquisa foi utilizado como uma das principais fontes recortes jornalísticos da época, desta forma busquei encontrar notícias referentes a apresentações de companhias dramáticas, artistas, peças, repercussão social ou qualquer coisa informação que pudesse-se ligar ao objeto da pesquisa atual.

ARACAJU NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.

Ao se estudar a história da dramaturgia no Brasil, se é nítido que a maior parte dos trabalhos e pesquisas realizadas nesta área encontram-se centradas nas grandes metrópoles como o Rio de Janeiro e São Paulo, muito devido à falta de interesse de pesquisadores sobre tal tema, como também pela pouca quantidade e grande dificuldade de se encontrar fontes referente a esse objeto, sendo descobertas na grande maioria das vezes depositadas em prateleiras e arquivos esquecido ao redor do país em péssimas condições de preservação, ou em alguns casos em acervos particulares longe do alcance das mãos e olhos dos pesquisadores.

Em vista das dificuldades acima citadas, e sabendo-se da limitada existência de pesquisas sobre o tema, principalmente em nosso estado, considero de suma importância que antes mesmo de tentarmos entender o objeto principal desta análise, o denominado Theatro Carlos Gomes é necessário compreendermos ao menos a princípio o palco central que se passa nossa pesquisa, ou seja Aracaju, desta forma iremos observar o seu surgimento e desenvolvimento até o período da construção do Theatro Carlos Gomes, pois para entendermos melhor o contexto da época precisamos entender o palco que se passar essa história.

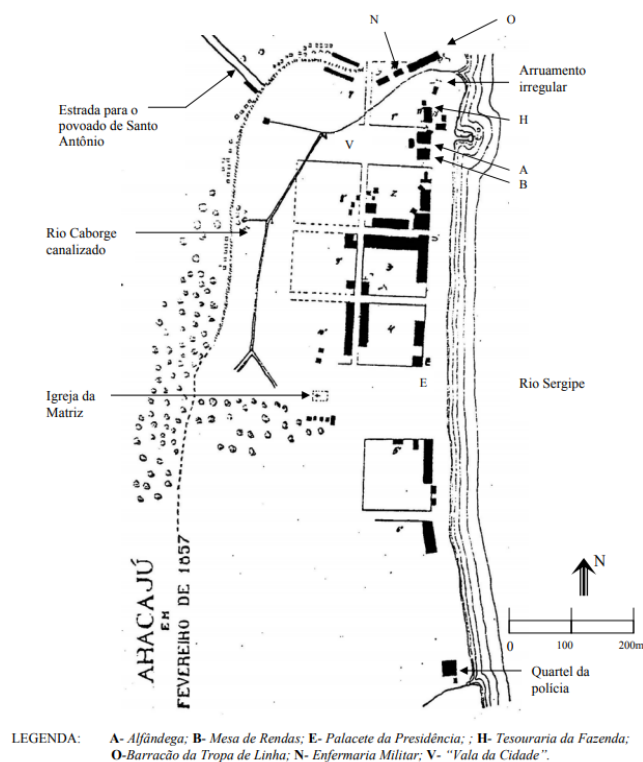
Fundada e nomeada capital de Sergipe em 17 de março de 1855 no governo de Inácio Joaquim Barbosa, Aracajú veio a substituir o título até então pertencente a São Cristóvão passando a ser considerada a nova capital do estado.

Entre os motivos que levaram a mudança do seu posto de povoado para capital é nítido que a pressão econômica e os fatores geográficos foram decisivos, por esta situada em uma planície próxima ao rio Sergipe, Aracajú se tornaria ponto estratégico na venda e trocas de mercadorias comumente realizada pelas bacias hidrográficas do país, da mesma forma como solucionaria um problema já há tempo apontado pelos senhores de engenho, sendo esse a necessidade da construção de um porto que facilitaria o escoamento da safra de açúcar, ambas condições que a cidade de São Cristóvão não disponibilizava por estar situada em terreno irregular com vales e encostas íngremes distante do litoral.

Sendo a nova capital, Aracaju necessitava de um modelo de planejamento urbano para a sua construção, a planta urbana mais antiga que temos notícia foi a idealizada pelo engenheiro Francisco Pereira da Silva, ao qual mais tarde seria substituída pelo projeto do engenheiro Sebastião Basílio Pirro.

O modelo urbano escolhido por Sebastião Basílio Pirro tratava-se de uma estrutura urbana com um traçado ortogonal e inovador, ao qual tinha como inspiração os modelos urbanísticos europeus existentes em cidades como Londres e Paris do século XIX, transmitindo a Aracaju um ar moderno e diferenciando-a das demais cidades da redondeza.

A planta urbana da nova capital possuía um modelo semelhante a um tabuleiro de xadrez, com ruas retas e largas que se cruzavam. Sendo de rápida e fácil implantação e não necessitando a utilização de mão de obra muito especializada, este projeto continha espaços bem definidos e alinhados, formando grandes quadrados nomeados de “Quadrado de Pirro”, as quais seriam áreas destinadas a construção de edificações, seguindo as regras do “Código de Postura” sancionada pela Câmara Municipal em 1856, referente aos padrões pré-definidos para a construção de edifícios, como tamanho e formato de janelas, portas e fachadas e regras para conservação.



O Plano de Pirro e as atividades principais em 1857 (Planta de P. da Silva). Fonte: Porto (1945. p.49).

Mesmo possuindo uma planta bem definida e detalhada, o modelo ainda assim apresentou alguns problemas em sua implementação, nos quais foram decorrentes de condições geográficas e de questões de natureza humana, apontadas na tese de doutorado ANÁLISE SINTÁTICO-ESPACIAL DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE ARACAJU (1855 – 2003) escrita por Adriana Dantas Nogueira.

Segundo Adriana em sua tese, um dos primeiros problemas encontrados foram as questões topográficas do terreno. Se por um lado o posicionamento de Aracaju próximo do rio auxilia no escoamento e transporte de mercadorias, por outro apresentava uma preocupação, a baixa altitude do terreno em comparação com o nível das águas favorecia a ocorrência de alagamentos em algumas localidades, tornando necessário a retirada de aterro das áreas mais altas para a sua realocação em regiões menos elevadas.

Outra mudanças realizadas no projeto de Pirro pelo presidente do estado foi a alteração da avenida Ivo do Prado (antiga Rua Aurora), deixando a de ser uma linha reta destacada no modelo de Pirro e passando a ser uma linha curvilínea seguir o traçado do Rio Sergipe, foi também exigência por Inácio Joaquim Barbosa a abertura de uma estrada que ligasse Aracaju ao antigo povoado de Santo Antônio.

Em 1860, Aracaju já contava com uma estimativa média de cerca de 5 mil habitantes, encontrando-se divididos em duas massas distintas, dentro dos quadrados de Pirro área considerada zona nobre da cidade se encontrava a classe mais abastada formada por funcionários público, comerciantes e famílias mais ricas da capital, ao norte e fora do quadrado se encontravam as primeiras ocupações clandestinas de Aracajú, constituídas por casas de taipa, onde viviam a população menos abastadas, contrariando mais uma vez o modelo idealizado por Pirro.

Ao decorrer do século XIX essa área mais ao norte se tornou o polo principal de um grande desenvolvimento da atividade industrial, com o surgimento de várias indústrias importantes para a capital tendo como exemplo a fábrica de tecido Sergipe industrial no final do século XIX e a fábrica Confiança no início do século XX. Essa região foi conhecida inicialmente por Maçaranduba, depois de Chica Chaves, e por fim no ano de 1920 tornando-se um bairro muito importante de Aracaju conhecido hoje por bairro Industrial.

Aracaju no século XX seria marcada pelo grande desenvolvimento urbanístico, decorrente das melhorias do serviço público inspirada na política higienista que surgiu na Europa na primeira metade do século XIX ao qual visava proporcionar uma melhor higiene e qualidade urbana com o objetivo de combater a grande quantidade de epidemias e mazelas que ocorriam devido a insalubridade das cidades.

Possuindo no ano de 1900 uma população de 21.132 habitantes, Aracaju se desenvolvia rápido, influenciada pelos frutos do desenvolvimento comercial, em 1908 ocorreu a implantação da água encanada facilitando o acesso da água aos habitantes, nos anos seguintes ruas foram calçadas, redes de esgoto são implementadas surgem os primeiros automóveis e a eletricidade chegam na capital.

Surgem também vários edifícios públicos localizados ao redor das três praças centrais existentes, elas eram a Praça Tobias Barreto, Olímpio Campo e Fausto Cardoso, tais quais eram uns dos principais pontos de encontro e entretenimento no período.

Falando em entretenimento, mesmo Aracaju durante um período sendo considerada a cidade “divorciada da alegria” pela ausência de festividade e diversões para a população, em seus 20 primeiros anos de construção se é possível encontrar relato de atividades culturais e teatrais principalmente em anúncios jornalísticos.

Em 1873 surge em Aracaju suas duas primeiras organizações teatrais, as quais eram rivais, disputando a atenção de seus espectadores, realizando espetáculos mensais no pequeno Teatro São José a única casa de espetáculo até esse momento na região, os grupos eram a

São Salvador, situada na rua da Aurora, hoje avenida Rio Branco e a União inaugurado na noite de 04 de maio de 1873 na rua Pacatuba.

Algumas outras organizações teatrais existentes em Aracaju no século XIX foram o Teatro Aurora, a Sociedade Particular Recreio Dramático e o Teatro São José, as quais não tive acesso a informações detalhadas, apenas pequenas menções ou anúncios de jornais da época.

O Teatro Aurora ou em alguns caso o Trapiche Aurora ficava localizado na atual Avenida Rio Branco, sendo citado pela primeira vez no “Jornal de Aracaju” do dia 23 de setembro de 1874 e a última a que tenho informação um anúncio do Jornal a “Gazeta de Sergipe” do 12 de maio de 1891, referindo-se às últimas duas apresentações da Companhia Lyrica Dramática que se encontrava nele instalado.

Sobre a Sociedade Particular Recreio Dramático a única notícia que tenho informação é que ela pertencia ao Sr. Moreira de Vasconcelos, e que em 03 de março de 1883 foi realizado em seu interior a apresentação do drama “A Cabana do Pai Thomaz”, pôr fim, temos o Teatro São José inaugurado em 6 de junho de 1891 pela Sociedade Monte Pio dos Artistas em uma cerimônia que contou com a presença de figuras ilustre como o governador do estado.

Aracaju surgiu como uma folha em branco, uma cidade projetada por Pirro para possuir tendências modernizantes, mesmo que em prática sua construção não tenha seguido definitivamente as regras pré-definidas do projeto original, Aracaju ainda assim se destacou das demais cidades, como visto a preocupação com a nossa cultural e vida teatral foi presente desde os nossos primeiros passos, com a criação de grupos teatrais acima supracitados, e mais posteriormente com o Theatro Carlos Gomes, a qual não foi a primeira instituição aqui presente, mais que com certeza possuiu um papel essencial em nossa história.

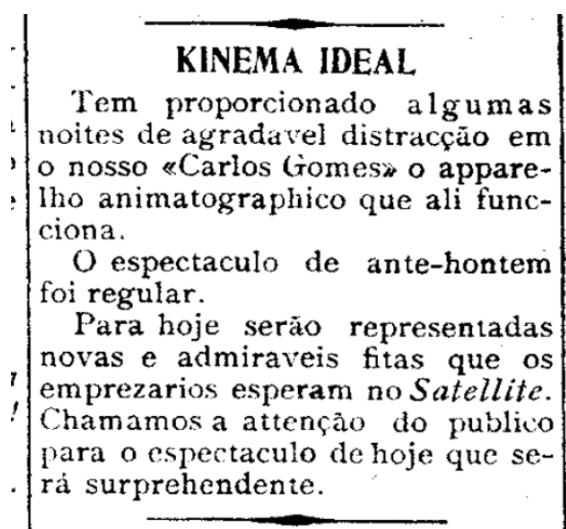
THEATRO CARLOS GOMES – ASPECTOS HISTÓRICOS.

Inaugurado em Aracaju no ano de 1904, localizado na antiga rua Japaratuba (hoje João Pessoa), o Theatro Carlos Gomes, posteriormente renomeado para Cine Theatro Rio Branco no ano de 1912, foi durante um bom tempo um dos principais palcos e um importante centro de cultura e entretenimento para a população da capital no início do século XX.

Criado e inaugurado por intermédio do ilustre comerciante italiano Nicolau Pungitori, o Theatro Carlos Gomes ao qual foi batizado em homenagem ao grande compositor paulista Antônio Carlos Gomes, representou tanto a formação de um prédio designado a espetáculos

teatrais, realizados aqui por diversas companhias dramáticas de origem estrangeiras e nacionais, como também serviu de locatário para um seletto grupo de empresas de cinematógrafos que locavam o seu espaço para a exibição fitas.

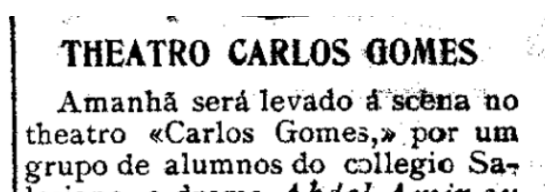
Entre as empresas que tiveram atuação no local podemos citar algumas como, o **Cinema Sergipe**, **Kinema Ideal** e o **Cinema Pathé**, cujo é possível encontrar relatos de suas atividades em anúncios de jornais decorrente da primeira metade do século XX, ao qual um exemplar pode ser visto logo abaixo:



Trecho retirado do jornal Diário da Manhã, publicado no dia 08 de agosto de 1911.

Vale salientar que até então antes da inauguração do Theatro Carlos Gomes Aracaju ainda não desfrutava de um local adequado para projeções cinematográficas, sendo, quase sempre em muitos casos realizadas em locais públicos ao ar livre, ou em pequenos espaços fechados, possuindo pouca ou quase nenhuma infraestrutura para tais eventos, um exemplo desses espaços é o Teatro São José no qual em 1899 foi exibido o primeiro filme em terras aracajuanas, fornecido por Cipriano Duarte, é somente após a estreia do Carlos Gomes e da locação do seu espaço que tornou foi possível a vinda das primeiras empresas de cinematógrafo as quais algumas foram supracitadas.

Mas não só de peças teatrais e filmes era nutrido o Carlos Gomes, durante seu período de funcionamento abundante foi variedade de eventos e artistas itinerantes desempenhado lhe seus officios; ilusionistas, cançonetistas, duetistas, apresentações escolares entre outros trabalhos, marcaram presença em nossos palcos.



Anúncio retirado do jornal Diário da Manhã, publicado no dia 22 de julho de 1911, referindo-se a uma peça teatral que seria realizada pelos alunos do Colégio Salesiano sobre a direção do Padre Solari.

Entretanto, quem foi Nicolau Purgitori, e quais foram os hipotéticos motivos que o levou a construir tal edificação?. Essas são perguntas que a pesquisa atual infelizmente não conseguiu solucionar, resultado da decorrente escassez de fontes referente a ele, o que me levou a conjecturar eventuais respostas com base nas poucas informações adquiridas criando possíveis hipóteses a tais indagações.

Nascido na Itália em 1845, filho de pais italianos, Nicolau Purgitori tornou-se uma ilustre figura de destaque na sociedade aracajuana durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, fez parte como membro, da Associação Commercial do Estado os “**Moços do Commercio**”, da qual possuía bastante influência, visto que destacava bastante no livre-comércio propriamente dito.

Entre as lojas de sua posse que temos informações destaca-se o “**Pavilhão Victoria**”, mencionado no jornal da Gazeta de Sergipe do dia 04 de fevereiro de 1890, no qual é divulgando a então chegada produtos vindos do Rio de Janeiro e da Bahia, em que entre as mercadorias citadas encontra-se vários artigos do gêneros de vestuários: seda, cetim, chapéus, espartilhos, calçados entre outros artefatos como arames farpados e moinhos para café.

O “**Bazar da Moda**” é uma outra de suas principais lojas, localizada no endereço de número 30 na antiga rua Japarutuba, volta e meia era bastante recorrente em anúncio jornalísticos, como por exemplo o anúncio da edição de número 6 do Jornal de Sergipe do dia 29 de Janeiro de 1881, na qual mais uma vez se é referida a chegada de novos artigos oriundos da Corte, sendo estes em sua grande maioria itens do gênero de vestuário, aparentemente esse sendo um de seus principais produtos comercializados em nossa capital.

Vindo a falecer no dia 27 de março de 1909, solteiro e sem possuir filhos, após sua morte seus bens acabam sendo destinados a seus parentes mais próximos, no caso sua irmã Concerta Pungitori, seu cunhado e sobrinhos ainda menores de idade. Sendo assim herdando entre as lojas acima citadas também o referido Theatro Carlos Gomes, que no período custava até então uma alta quantia, sendo atestada em seu inventário que se encontra até o momento desta pesquisa localizado no Arquivo Judiciário do TJSE.

Aos novos proprietários Concerta Pungitori e seu esposo, ficou responsável a sua manutenção do teatro, tendo de administrá-lo, realizar reparos e entre outras atividades, para se manter a continuidade e preservação do espaço, por fim em 1912, o Theatro Carlos Gomes passa a ser denominado por Cine-Theatro Rio Branco, numa homenagem dos novos

proprietários Juca Barreto e Hormindo Menezes ao falecido Barão do Rio Branco (TELES, 2004; BARRETO, 2005). Vale salientar que apesar dos materiais escritos afirmarem que o Theatro Carlos Gomes passou a ser denominação de Theatro Rio Branco em 1912, durante a pesquisa foram encontrados pequenos trechos de jornais correspondentes ao ano de 1913 que ainda se referia ao teatro por sua antiga denominação.

Entretanto os motivos que levaram Nicolau Pungitori a construir tal imóvel não são claros, podendo pressupor uma possível influência de sua origem europeia decorrente da experiência com a dramaturgia italiana, ou até mesmo uma preocupação com o desenvolvimento da capital, o que não seria tão improvável assim, pois o mesmo foram mencionados em notícias jornalísticas do ano de 1890 doando a quantia de 300\$000 réis para o início dos estudos preliminares do abastecimento de água encanada para capital, projeto finalizado em 1908 durante o governo de Antônio José de Siqueira Meneses.

Contudo não podemos deixar de lado que a prática da construção de teatros se mostrou presente em vários locais da nação, diversos são os relatos de construções de casas teatrais durante o século XIX e XX, sendo elaboradas de forma mais grandiosas e detalhada como por exemplo o Theatro Lyrico construído no Rio de Janeiro, ou por outro lado construídas de formas mais rústica, utilizando-se de materiais menos nobres como madeira, pedras e palhas, como por exemplo o Theatro de Palha em Manaus, retratado na dissertação de Simone Villanova: “SOCIABILIDADE E CULTURA: a história dos “pequenos teatros” na cidade de Manaus. (1859-1900)”.

Seguindo este viés de pensamento talvez o que levou Nicolau Pungitori a construir o Carlos Gomes foi a busca de um ideal civilizador e modernizador, que se encontrava disseminado na mentalidade popular, influenciada pela Belle Époque, desta forma a busca pela imitação e assimilação de costumes europeus se tornou muito presente em várias capitais, e o teatro sendo visto como um símbolo de civilização e modernidade, fazia com que as pessoas que o frequentavam fossem vistas como indivíduos cultos e civilizados, segundo Simone Villanova “Esse símbolo civilizador era tão poderoso que qualquer aglomerado urbano da época, fosse uma capital da província ou um lugarejo perdido no Brasil, não poderia ficar sujeito a não possuí-la.” (p.89).

Esse parece ter sido o motivo mais sólido que encaminhou a construção de tal edificação por Pungiroti, Aracaju sendo uma capital, necessitaria demonstra-se moderna e culta, e nada melhor que um teatro para isso, não estou dizendo que o Theatro Carlos Gomes foi criado apenas para ser um símbolo, seu valor cultural e social se mostraram bastante

presente, contudo ele acabava “materializando uma velha aspiração dos aracajuanos, sempre frustradas em tentativas fracassadas” (PORTO, F. 2011, p. 104).

Como já mencionado o Carlos Gomes foi palco de diversas exibições e apresentações culturais, entre elas peças teatrais, exibições cinematográficas, e apresentações de artistas itinerantes. Porém o que será alvo neste momento e a ação social realizada na instituição a partir dos atos em benefícios, essas ações consistiram na realização de um ou mais espetáculos em que a renda ou parte desta seria destinada a um indivíduo, grupo ou instituição, comumente essas ações eram realizadas para ajudar financeiramente atores e atrizes de companhias dramáticas, muito devido à falta de instabilidade financeira decorrente da profissão, como afirmado por Simone Villanova:

Devido à precária situação econômica do artista, espetáculos feitos em benefício próprio eram comuns, mas aconteciam também apresentações em benefício às vítimas de catástrofes como enchentes e secas, ou às instituições educacionais. (p.167).

Entre algumas destas ações realizadas no Carlos Gomes, 3 durante a pesquisa me chamaram a atenção, não pela riqueza de informações e detalhes presentes no anúncio, muito menos pela repercussão na época, e sim pelo fato de tais ações terem sido destinadas a instituições e objetos ainda presentes no cotidiano da nossa cidade, elas foram os espetáculos em benefício ao Hospital de Caridade Santa Isabel, o espetáculo em benefício ao Club Esportivo Cotinguiba e o espetáculo em benefício para a construção do Monumento de Fausto Cardoso.

Seguindo de forma cronológica a sequência de atividades em benefício que ocorreram nas instalações do Carlos Gomes, a primeira que será exposta e decorrente do espetáculo em benefício do Hospital de Caridade Santa Isabel fundado em 24 de maio de 1858. Organizado pela empresa Cinema Sergipe, tendo a execução da ação beneficente realizada no dia 06 de abril de 1911, com a seguinte afirmação a empresa organizadora: “O povo humanitário desta capital deve auxiliar com satisfação a que se encarrega de prestar caridade em proveito dos desvalidos da fortuna.”

Ação semelhante de caridade destinada a pessoas carentes arrisco dizer não era incomum, exemplo de feito semelhante pode ser presenciado no ano de 1890 em um ato organizado pela Gazeta de Sergipe, no que foi intitulado pela Gazeta, de causa pública ao amparo dos “desherdados da sorte”, vale destacar que na lista da quantia subscrita das

doações recebida na ação, o nome de uma figura já a pouco conhecido por nós se mostra evidente o sr. Nicolau Pungitori.

QUANTIA SUBSCRIPTA	
<i>Gazeta de Sergipe</i>	50\$000
João Roiz. da Cruz	100\$000
Machado &. Monteiro	50\$000
Nicolau Pungitori	20\$000
G. J. Vieira &. Irmãos	30\$000
J. R. Bastos Coelho	5\$000
Antonio Motta	5\$000
Ananias Azevedo	5\$000

Trecho retirado do jornal Gazeta de Sergipe, publicado no dia 13 de fevereiro de 1890.

Retornando ao espetáculo em benefício do Hospital Santa Izabel, na noite do evento o espetáculo desenvolveu-se em 3 partes, tendo em cada uma delas a exibição de fitas selecionadas previamente pela própria empresa Cinema Sergipe, algumas das fitas produzidas que tive acesso aos seus nomes foram: “A Torre de Nesle”, “Caça aos Abutres”, “Proeza de Mandrin”, “Palhaço médico” entre outras. Um outro fato que se destacou neste evento foi a presença da Banda do Corpo Policial tocando durante os intervalos dos filmes, sendo rotineiro a participação de tal banda em diversos acontecimentos da época, principalmente em festejos, cerimônias e eventos políticos.

Dando continuidade aos espetáculos de benefício ocorrido no Theatro Carlos Gomes, temos em seguida o evento realizado pela empresa Kinema Ideal, executado no dia 11 de novembro de 1911, no qual teve o propósito de gerar renda para o auxílio da construção da estátua em memória do nosso conterrâneo Fausto Cardoso. Iniciado às 20:30hrs, o ato tido como impecável, contou com a presença do presidente do Estado José Siqueira de Menezes, das altas autoridades federais do estado e da Banda do Corpo Policial desta vez concedida pelo próprio governador.

Fausto Cardoso <i>Theatro «Carlos Gomes»</i> Realisa-se hoje, ás 8 1/2 da noite, no theatro «Carlos Gomes», o espectáculo knematographico em beneficio da estatua do glorioso sergipano Fausto Cardoso. O theatro será caprichosamente ornamentado por uma commissão escolhida para esse fim. A banda de musica do corpo policial, gentilmente offerecida pelo exm. sr. dr. José de Siqueira Menezes, dignissimo presidente do Estado tocará	durante o espectáculo, que será honrado com a presença de s. ex. e das altas autoridades federaes e estadoaes. Iniciará o espectáculo uma bellissima apothese ao genial Fausto Cardoso. <i>Espartilhos finissimos, deradeira palavra no modernismo.</i> Chapéos para senhoras, ultimos figurinos. CASA VARIEDADES (3—30)
---	---

Trecho retirado do jornal Diário da Manhã, publicado no dia 11 de novembro de 1911.

Em 23 de novembro do mesmo ano, Ceciliano Vasconcellos representando a Comissão Promotora do Monumento de Fausto Cardoso partiu à São Paulo em busca do renomado escultor italiano Lourenço Petrucci, firmando um acordo no valor de 25.500\$000 (vinte e cinco contos e quinhentos mil réis) para produção e envio do monumento a capital de Aracaju em um período de 4 meses.

Infelizmente não se foi possível definir o valor específico arrecadado resultante do evento, pois a única tabela de valores encontrada não especifica o Carlos Gomes nem o Kinema Ideal, tão pouco nomes de pessoas conhecidas ligadas a estas instituições, mais, ao menos fornece nome de alguns doadores, como também a quantia total arrecadada até o dia 22 de novembro de 1911, estimada em 27.657\$000 (vinte e sete contos e seiscentos e cinquenta e sete mil réis).

LISTA N. 3	
Antonio Matias.....	30\$000
Eustaquio de Carvalho..	10\$000
Pedro Machado.....	10\$000
Clemente José Baptista.	10\$000
Robuão de Andrade Ritta	5\$000
José Telles de Menezes..	2\$000
José Ferreira.....	2\$000
Manoel Ferreira.....	1\$000
Alcino B. dos Santos...	1\$000
Somma desta lista.....	91\$000
Quantia já publicada...	27:657\$000
Total.....	27:748\$000

Trecho retirado do jornal Diário da Manhã, publicado no dia 22 de novembro de 1911.

Em 21 de Abril de 1912 o monumento chega em Aracaju sendo definitivamente inaugurado no dia 8 de setembro, em um grandioso evento iniciado ao amanhecer na atual praça Fausto Cardoso, com a participação da Banda do Corpo Policial, e do ilustre presidente do Estado José Siqueira de Menezes como também da população, imprensa e figuras ilustres da capital.



*Praça Fausto Cardoso no dia da inauguração do monumento.
Acervo: Memorial de Sergipe*

Por fim e não menos importante temos o espetáculo realizado ao Club Spotivo Cotinguiba, ocorrido no dia 30 de Janeiro de 1911, organizado mais uma vez pela empresa Kinema Ideal, sendo um pouco mais modesto que os demais acima citados, pois conteve apenas a exibição de fitas as quais foram “O Destino ou Enock Ardeu”, os filmes cômicos “A Vespa” , “Espelho Revelado”, o histórico “O olho de Ídolo”, a Cançonetas “Queijo del Corazáu de Mesa”.

O que se tornou relevante nas ações supracitadas como afirmo mais uma vez, não foi a riqueza de suas informações e sim a importância de tais acontecimentos para a memória do Carlos Gomes, ao qual desempenhou um papel não somente de fornecedor de entretenimento, mas também auxiliando no desenvolvimento da capital, tenha sido diretamente ou indiretamente, com ações tanto do teatro como também por doações de Pungitori, infelizmente ambos hoje se encontram esquecidos por grande parcela da população, citados apenas em alguns poucos jornais de épocas e alguns textos, o que nos faz presumir em quantas mais instituições ou indivíduos se mantêm ocultos ou totalmente esquecidos da nossa história. Desta forma trazer à tona as ações acima nos revela que mesmo hoje não existindo a estrutura do teatro, ele ainda se mantém vivo, e gravado nestas instituições ao qual ele auxiliou.

THEATRO CARLOS GOMES – ASPECTOS CULTURAIS.

A dramaturgia no Brasil desempenhos diversos papéis, seja ela utilizada como um instrumento de catequização pelos jesuítas logo nos primeiros momentos da colonização, com o objetivo de converter os nativos, ou seja como elemento educador, moralizador e de entretenimento, sendo o teatro visto por muitos pesquisadores e pela sociedade da época como um grande símbolo de modernização e civilização. No entanto, este capítulo está direcionado não para o estudo do teatro de modo geral e sim a análise das principais ações culturais realizadas na instituição do Cine Theatro Carlos Gomes na primeira metade do século XX.

Para se realizar esta análise, foram utilizados anúncios do jornal **Diário da Manhã** referente ao ano de 1911, observando os principais relatados sobre atividades culturais desempenhadas nesta recém-criada capital. Como já mencionado o Carlos Gomes era um

prédio destinado a apresentações teatrais, exibições de fitas entre outras atividades, desta forma o trabalho será dividido em 2 momentos, o primeiro será destinado a dramaturgia, tendo como foco analisar as principais companhias dramáticas e apresentações realizadas no período que vai de fevereiro de 1911 a dezembro do mesmo ano, já na segunda parte deste capítulo o foco será direcionado às empresas de cinemas que tiveram atuação na tal instituição, será exposta suas atividades, filmes exibidos, público frequentador e algumas outras informações que sejam possíveis de se deduzir referente a vida cultural que rodeava o Carlos Gomes neste momento.

Ao se analisar os jornais do Diário da Manhã do ano de 1911 se é possível notar a princípio que Aracaju neste período já apresentava possuir uma vida cultural relativamente ativa em torno do Carlos Gomes, composta tanto pela presença de companhias teatrais como também por uma quantidade frequente de exibições de fitas pelas indústrias cinematográficas nele instalado.

Dramaturgia

A primeira notícia referente a uma companhia dramática foi encontrada no jornal número 61 publicado no dia 20 de abril de 1911, nela consta um anúncio referente a Companhia Dramática Portuguesa dirigida pelo ator Romualdo de Figueiredo, o recorte do jornal logo abaixo deixa bastante claro que a companhia está se dirigido ao Carlos Gomes com o interesse de se instalar temporariamente e realizar espetáculos para a população:

Por telegrama recebido pelo sr. Rodrigues Vianna, sabemos que virá ocupar o teatro Carlos Gomes a grande companhia dramática portuguesa sob a direcção do provector actor Romualdo Figueiredo, uma das figuras de destaque na scena luzitana.

A companhia deve estreiar em nossa casa de espetáculos com uma da melhor peça do seu repertório.

Os jornaes do norte da República são unanimes em tecer os maiores elogios á troupe portuguesa, uma das melhores em excursao pelos Estados.

Ao se ler este anúncio se é perceptível a princípio observar uma grande quantidade de informações, a primeira e o interesse da companhia em realizar espetáculos nesta capital, fato curioso, pois muitas das companhias que por aqui passaram neste presente período tinha como interesse a cidade de Laranjeiras, ou, estavam apenas de passagem em direção a outras províncias, e desta forma acabavam desempenhando alguns espetáculos na região como

forma de se reabastecer. Uma outra informação perceptível na citação acima é a presença de dois nomes, o primeiro e o destinatário denominado como sr. Rodrigues Vianna, possivelmente ele seria o responsável, ou, uns dos responsáveis do Cine Teatro Carlos Gomes neste período, pois já era de hábitos companhias dramáticas avisarem antecipadamente sobre a sua chegada em uma região, como também realizarem um pedido de autorização prévio como veremos mais a seguir com a Companhia Francisco Santos, no entanto, se Rodrigues Vianna era ou não um dos responsáveis não posso afirmar com tanta certeza por falta de informações mais detalhadas sobre ele, desta forma desenvolver este argumento baseando-se apenas em suposições, entretanto no que se refere a Romualdo Figueiredo temos um pouco de informações mais sólidas sobre, como dito no anúncio acima ele era tanto ator como proprietário da companhia, possivelmente de nacionalidade portuguesa, e foi autor do livro *Alguma coisa sobre o theatro portuguez* publicado em Lisboa no ano de 1904, fora essas informações só sabemos que ele e sua companhia estavam vindo do norte do país e que haviam desempenhado excelentes atividades, por conta dos elogios recebidos por outros jornais.

Posteriormente a próxima notícia referente a esta companhia seria encontrada no jornal de número 64 do dia 25 de abril, nela consta a chegada da Companhia com os atores à Capital, entretanto, não especifica a data nem momento exato de sua chegada, podendo variar entre o dia 23 e 25 de abril, neste anúncio se é presente também o aviso sobre a apresentação de estreia da Companhia no Carlos Gomes, tendo a peça *Papa Lebonard* do escritor, dramaturgo e poeta francês Jean Aicard (1848 – 1921) como atração da noite.

A próxima apresentação realizada por esta Companhia aconteceu no sábado dia 29 de abril, com a representação do drama *o Paralytico*, a história da peça tem como palco a cidade de Paris, e retrata a história de Jeronymo Peyras e sua degenerada esposa Fanny d'Olgence. Vale ressaltar que essa peça em especial já havia sido apresentada por uma outra companhia, denominada de Companhia Penêdo cujo a representou na cidade de Laranjeiras no ano de 1886, tais informações podem ser encontradas no Jornal o Horizonte de número 29 e 30. Este fato acaba indicando ser comum o compartilhamento de peças entre as companhias, entretanto não significa que todas as companhias a representassem da mesma forma.

Já no dia 30 de abril foi realizado pela Companhia e seu artista a representação da comédia *O Dote*, de origem e autoria do grande dramaturgo brasileiro Arthur de Azevedo (1855-1908), esta peça em específico merece um maior destaque, pois é uma das poucas peças realmente brasileiras cujo se tem informações de ter sido representadas no Carlos Gomes. O enredo de O Dote se passa no Rio de Janeiro, e conta a história do advogado

Ângelo e sua esposa Henriqueta, cujo a dita tem o péssimo costume de gastar dinheiro com joias de forma excessiva, atitude esta que leva a provocar a ruína financeira do casamento, à beira da falência e influência pelo seu amigo Rodrigo, Ângelo decide por devolver Henriqueta ao seu sogro e opta pelo divórcio, divorciados ambos caem enfermos devido ao amor que sentiam sobre o outro, no desenrolar da história Henriqueta descobre estar grávida e o casal acaba reconciliando-se.

Artur de Azevedo se destaca por ter sido uma das maiores vozes do teatro brasileiro, autor de diversas obras como, O Dote 1907, A Capital Federal 1897 e Vida alheia 1929, em suas produções buscava-se retratar na maior parte das vezes aspectos do cotidiano da sociedade que vivia:

Artur Azevedo foi um descobridor de assuntos do cotidiano da vida carioca, e observador dos hábitos da capital. Os namoros, as infidelidades conjugais, as relações de família ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas lhe forneceu assunto para as histórias. (SÁ, 2010, p.78).

Dando continuidade aos espetáculos realizados pela Companhia Portuguesa nos deparamos com a exibição da peça **Os Pimentas**, escrita por Eduardo Schwalbach (1860-1946), posta em cena em nossa capital no dia 07 de Maio de 1911, o espetáculo acabou não satisfazendo as expectativas dos frequentadores, como pode ser visto no trecho logo abaixo retirado do Jornal o Diário da Manhã, publicado em 09 de Maio de 1911:

A comédia de domingo foi ao nosso ver, bastante fraca, sem vivacidade, sem graça. [...] Os seus interessantes equívocos e qui por quós não tiveram mesmo um relevo suficiente, de modo a dar-lhe um comico irresistível.

Como pode ser visto mesmo as peças e companhias teatrais sendo muito esperadas pela população, nem sempre o espetáculo acabava agradando o público, e da mesma forma que tais representações eram muito bem elogiadas e aclamadas pela população e mídia local, muitas vezes poderiam ser bastante criticadas, ou em alguns casos mais espetaculares multadas pelos agentes da lei local, alguns dos motivos mais comuns a estas multas, eram as brigas, arruaças, falta de higiene, linguagens e comportamentos tidos como imorais ou ofensivos, vindo por parte dos artistas e do público, como também o conteúdo das peças

exibidas, exemplo desta atuação policialesca pode ser visto no trecho logo abaixo retirado da mesma edição do jornal acima citado

Affirmam que a Companhia fôra multada, domingo, pela Policia, em virtude da excessiva demora do espetaculo de sabbado.

Constou-nos depois que, na segunda-feira, a Companhia fôra novamente multada, desta vez por causa de palavras e termos immoraes, offensivos ao decôro das famílias, na representação da comédia os Pimentas.

Por fim, a última notícia encontrada referente a atividades da Companhia Portuguesa em nossa capital, trata-se de um pedido realizado pelo “grupo de moços do comércio” ao qual fez parte o italiano Nicolau Pungitori. O grupo pedia ao Sr. Romualdo que dedicasse uma apresentação ao ator Luciano de Castro, noticia esta encontrada na edição de jornal do dia 28 de maio de 1911. Após esse anúncio não foi mais encontrada menções a tal companhia, o que pode indicar o fim das suas atividades no Carlos Gomes, e a sua partida para outra região.

A Companhia Portuguesa, instalou-se no Carlos Gomes por uma período de mês, e durante sua estadia foi apresentando um total de 16 espetáculos, e 18 peças, forma elas: **“Papa Lebonard”, “Paralyitco”, “Um rio em Pelotas”, “Amanhã”, “Perfume”, “Tosca”, “Os Pimentas”, “A Ceia dos Cardeaes”, “Os Velhos”, “A Moral d’Elles”, “Guerra as sogras”, “Rosa de todo anno”, “Ironia”, “A Morte Civil” é “O Crime de Macário”,** entre as peças supracitadas, também foi realizada pela companhia uma festa artística organizada pela atriz Júlia Moniz, e a recitação do poema **“Operário”**, realizado pelo próprio Romualdo Figueiredo em homenagem ao dia do trabalhador. Referente a atores e atrizes que faziam parte da companhia foram encontrados os seguintes nomes: Romualdo Figueiredo proprietário e ator, Luciano de Castro, Octaviano Chaves, Júlia Moniz, Antonio Avellar, Joaquina Vellez, Diogo Teixeira e Augusto Esteves, muito deles bastante elogiados por sua atuação.

Dando continuidade ao trabalho, o próximo grupo teatral que será exposta será a Companhia Dramática Francisco Santos, dirigida pelo ator português Francisco Santos, cujo temos as primeiras menções a ela encontradas nos jornais do dia 07, 13 e 18 de julho de 1911, referindo-se a vinda do secretário da companhia o sr. Narciso Costa a esta capital. Segundo os anúncios ele veio com o objetivo de contatar o Cine Theatro Carlos Gomes sobre a vinda da companhia que se encontrava no momento em Maceió, e de realizar as assinaturas e a venda de bilhetes ao público de forma antecipada, reafirmando mais uma vez a preocupação que as companhias tinham em avisar adiantadamente sua chegada.

Em 28 de agosto de 1911 a companhia embarcou de Maceió para Aracaju, chegando no dia 08 de agosto. Um dia após sua chegada iniciou-se às suas atividades na capital com a representação da peça **A Tosca** do francês Victorien Sardou (1831-1908), segundo anúncio retirado do jornal do dia 11 de setembro de 1911, a peça foi bastante elogiada no entanto, relatou-se uma minguada do público nas cadeiras do teatro:

Estreou ante-hontem a companhia dramatica do festejado actor Francisco Santos coma commvente tragedia de Sardeau- A Tosca. Ao contrario do que fora de esperar, o Carlos Gomes, estava em vasante, ou porque a noite ameaçasse tempestade, ou porque a peça há pouco interpretada aqui pela companhia de Romualdo de Figueiredo não deixou impressões animadoras.

Apesar da companhia ser bastante apreciada, por já ter em outros momentos realizado espetáculos nesta capital, pouco foi o público a comparecer a sua reestreia, e as causas para esta escassez foram possivelmente duas, a primeira seria a questão climática, como observado no trecho em que o jornal declara a possibilidade de tempestade, dificultando bastante o deslocamento das famílias ao teatro, pois era se comum alagamentos em diversas províncias devido principalmente ao mau planejamento arquitetônico. Mesmo aos que se arriscaram durante a época chuvosa, os alagamentos não eram os únicos problemas a se enfrentar, a presença de pingueiras era bastante presente em vários teatros. Já o segundo fator apontado para este esvaziamento das cadeiras seria o desapontamento do público com a peça em especial, pois a dita já havia sido apresentada poucos meses antes pela Companhia portuguesa e não teria agradado a plateia.

No dia 16 de agosto de 1911, foi representando no Carlos Gomes pelas companhia Francisco Santos mais uma peça de autoria brasileira, o **Guarany**, escrita pelo romancista e dramaturgo brasileiro José de Alencar (1829-1877), a história da peça passasse no interior do Rio de Janeiro e conta a história da família do nobre português Dom Antônio de Mariz, que entra em guerra com a tribo aimoré, desencadeada pela morte acidental de uma das índias da tribo. O romance de caráter indianista tem como personagens principais o índio Pery herói e amigo da família interpretado pelo ator Francisco Santos, e a heroína Cecy filha do nobre português representada pela atriz Maria Castro.

Apesar da peça ter possuído um público bastante regular o que mais chama a atenção no anúncio são as queixas referente ao palco do Carlos Gomes:

A companhia Francisco Santos executou ante-hontem o Guarany extrahido do conhecido romance brasilerio de Alencar.

Não era possível encenar nas estreitas proporções do palco do Carlos Gomes esta interessante peça teatral e, para acomodá-la em tão apertado recinto, não havia meios de fazer mais do que foi feito. O desempenho do Guarany foi bem regular.

Apesar de parecer um caso isolado relatos como este não eram incomuns, acontecimento semelhante havia sido relatado dias antes com a representação da peça de revista **A Borracha**:

Nas revistas, a montagem é tudo. O seu segredo está nisto. É o que lhe garante o sucesso. O nosso teatro nenhuma vantagem oferece para tanto. Não tem espaço e é de uma pobreza de acessórios de causar lastima.

Apesar da falta de estrutura acima citada para a execução da peça, nos é relatado no decorrer do jornal a informação de que a casa estava cheia, e a da ânsia Aracaju tinha em receber outras companhias teatrais.

No dia 12 de setembro de 1911 a Companhia Francisco Santos encerrou sua temporada no estado com a representação da comédia o **Bombeiro** conforme anunciado no jornal do dia 13 de setembro, após este anúncio não foi mais encontrado notícias sobre sua presença.

Assim como a Companhia Portuguesa, a Companhia Francisco Santos esteve presente em nossa capital por um período de um mês, realizando um total de 24 espetáculos, e 20 peças, foram elas: “**A Tosca**”, “**A Lagartixa**”, “**Zazá**”, “**Tomada da Bastilha**”, “**Napoleão**”, “**Guarany**”, “**A Honra**”, “**A Pérola**”, “**Matyr do Calvario**”, “**O Comboio n. 6**”, “**O Voluntário de Cuba**”, “**Othello, Iguéz de Castro**”, “**A Filha do Mar**”, “**Duas Orphãs**”, “**A Borracha**”, “**Central Agencia**”, “**O Conde de Monte Christo**”, “**Hamlet**”, “**Dois Garotos**” e o “**Bombeiro**”. Referente a atores e atrizes que faziam parte da companhia foi encontrado os seguintes nomes: Francisco Santos, Maria Castro, João Carvalho, Oscar Araújo, Vieira Xavier, Francisca Brito, Clementina dos Santos, Graziella Costa, Lino Ribeiro, Jayme Cardoso, Francisco Almeida, Joaquim de Castro e Genuíno de Oliveira.

Cinematografia.

A sétima arte, ou popularmente conhecido como cinema, surgiu na França com os irmãos Lumière no ano de 1895, com a exibição do filme intitulado “**La Sortie de L'usine Lumière à Lyon**”, após um ano da apresentação deste filme se é realizada no Rio de Janeiro a primeira exibição cinematográfica no Brasil, e em 1897 se foi inaugurada pelo imigrante italiano Paschoal Segreto a primeira sala de cinema localizada no Rio de Janeiro.

Em Aracaju no início do século XX o comerciante italiano Nicolau Pungitore destaca-se por ter sido o fundador do Teatro Carlos Gomes, servindo mais tarde de locatário para os grupos de cinematógrafos que viriam a exhibir em Sergipe as primeiras metragens de fitas.

Tendo como base os jornais do **Diário da Manhã** no ano de 1911, foi encontrada a presença de duas destas empresas, o **Cinema Sergipe** cujo exerceu suas atividades no Carlos Gomes até 23 de abril de 1911, posteriormente mudando-se para a Rua da Aurora (atual Avenida Rio Branco), e o **Kinema Ideal**, dando início a suas atividades na instituição no dia 26 de setembro, locando o espaço que era anteriormente ocupado pelo Cinema Sergipe.

Devido à concorrência provocada pelo cinema no final do século XIX e início do século XX, as peças teatrais passaram a ser mais elitizadas, tornando-se acessíveis apenas às classes mais abastadas, enquanto o cinema passou a possuir um caráter mais popular, se tornando em um importante espaço de socialização, em um momento que a sociedade vivia um período de grande mudança tecnológica e sociais, instigada pelas novas inovações científicas proporcionadas pela **Segunda Revolução Industrial**.

Ao contrário dos espetáculos teatrais que dependiam da presença de companhias e uma grande quantidade de mão de obra e material cênico para que fossem realizadas apresentações, o cinema necessitava apenas das fitas, um aparelho cinematográfico e um espaço para que os filmes fossem difundidos.

Em muitos momentos o cinema se apresentava como o único entretenimento da sociedade aracajuana, sendo constante as exhibições de filmes nas instalações do Cine Theatro Carlos Gomes, suas atividades entravam em hiato apenas em alguns momentos, como quando por exemplo havia a presença de companhia dramática instalada no Carlos Gomes, nessa situação o cinema parava, retornado a suas atividades logo após a partida do grupo, ou em alguns casos quando se tratava da mudança da empresa responsável pela exhibições por uma outra.

Ao analisar-se os jornais se é possível deduzir que maior parte das fitas exibidas se tratam de filmes e pequenos documentários estrangeiros, do gênero da comédia, drama e histórico, em sua maioria mudo e preto e branco, com alguns poucos casos em especiais como por exemplo o filme **José vendido por seus irmãos**, apresentado como colorido no anúncio do Cinema Sergipe publicado no dia 09 de fevereiro de 1911:

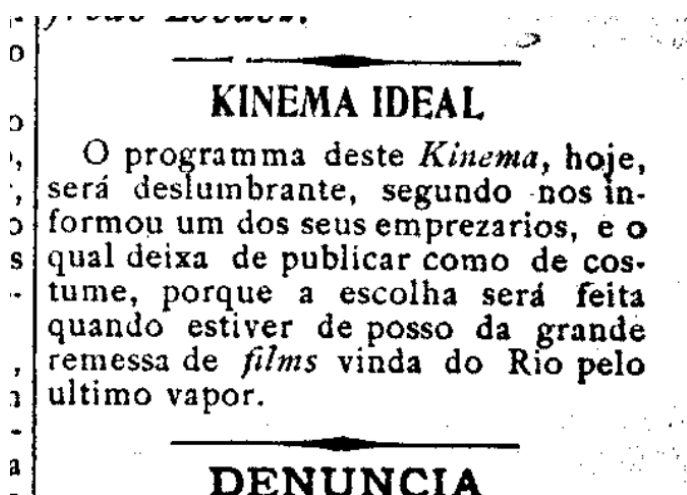
Parabens ao nosso publico pelo bom acolhimento com que recebeu este magnífico aparelho. Temos visto a bôa concorrência em todas as suas

sessões. E' o unico passa-tempo que temos actualmente; devemos dar parabens a empresa que tem se esforçado para bem servir aos seus *habitués*.

Teremos hoje optimo programma. Basta para satisfazer a plateia o *José vendido por seus irmãos*, que, alem de ser um film de grande metragem, é colorido e tem tido applausos em todo lugar onde tem sido exhibido. O programma é o seguinte: *José vendido por seus irmãos*, *Um noivo improvisado*, *Romance de uma botina e um sapatinho* e *Encantadoras crianças*. Diante de tal programma é de esperar que o *Carlos Gomes* fique repleto de espectadores.

Lá estaremos...

Apesar de ter sido apresentado como colorido no anúncio, o filme **José vendido por seus irmãos** na verdade passava-se apenas de uma fita tingida manualmente em um processo lento, em que era aplicado diretamente nos rolos uma mistura de corantes criando-se cores artificiais. Sobre a procedência destas fitas, muitas delas eram derivadas de outras capitais conforme citado no trecho abaixo, chegando a Aracaju através da linha férrea ou canal fluvial:



Trecho retirado do jornal o Diário da Manhã, publicado no ano de 08 de novembro de 1911.

Referente aos valores dos ingressos como afirmados anteriormente, as empresas de cinemas que se instalaram no Carlos Gomes se preocupavam em disponibilizar segundo elas ingressos a preços que fosse razoáveis a população, variado a depender em que local da plateia fosse localizado o assento, segundo anúncio do Kinema Ideal, no ano de 1911 os preços das entradas se encontravam os seguintes valores: Cadeiras 1\$000, Camarote 5\$000 e Geral \$500. Tomando como parâmetro o salário mensal de um professor primário do ano de 1889 sendo equivalente a 45\$000, podemos supor que uma boa parcela da população tinha

acesso ao cinema neste momento, mas não a todos exclusivamente, um outro fator que reconhece essa acessibilidade e os anúncios que sempre se referem a casa ter sido lotada. Entretanto nem sempre se era necessário pagar para se usufruir desta arte, em alguns momentos a entrada poderia ser gratuita ao público, como ocorrido no dia 24 de fevereiro de 1911 e noticiado no jornal de 25 de fevereiro:

Mesmo com fitas repetidas o Carlos Gomes ante-hontem conseguiu apanhar uma casa quasi á cunha ; e todos os concurrentes conhecendo aquellas fitas assistiram a exhibição satisfeitos mais uma vez.
A empreza dedicou gratuitamente ao publico o espetaculo de hontem, o que muito louvamos

Apesar das empresas de cinema aparentemente realizar apenas a exibição de filmes para a população se foi encontrado um aspecto muito importante do cinema em Aracaju no início do século XX, o compartilhamento do espaço da noite com artistas itinerantes diversos, demonstrado um outro aspecto cultural na sociedade aracajuana, entre algum desses exemplos irei citar dois em especial, a bailarina e cançonetista **Consuelo de Mesa**, cuja realizou um total de 7 espetáculos de bailados e canções, e ilusionista **Salvador Montesarchio**, que efetuou um total de 5 apresentações, bastante elogiado por sua atuação tida como ligeireza durante os truques.

Mesmo o Cine Theatro Carlos Gomes, deixando de existir, e passando a ser conhecido com Cine Theatro Rio Branco as apresentações cinematográficas continuaram a serem exibidas e desempenhadas durante um bom tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aracaju foi palco de diversas companhias dramáticas desempenhando atividade em teatros ou espaços aqui existentes, um exemplo foi o Theatro Carlos Gomes, ao qual sabemos teve um papel decisivo em nossa identidade, mesmo sendo quase esquecido por parcela dos habitantes.

O Carlos Gomes como vimos possui uma história rica e contou com uma importante trajetória, ao qual sei que não foi totalmente contada, durante a produção deste trabalho vários foram os momentos que me encontrei com informações incompletas, tendo de trabalhar na maior parte das vezes com recortes jornalísticos, interpretando e analisando cada informação, buscando conexões entre elas.

Várias informações sobre a instituição se mantiveram ocultas, talvez até mesmo tenha se perdido no fluxo da história. Penso comigo mesmo o quanto de histórias não serão contadas, o quanto de existências foram esquecidas, o próprio objeto desta pesquisa foi encontrado por acaso, mais quantos outros se encontram inexplorados em alguma prateleira o caixa redondo do país.

Esse pensamento me leva a crer que com o surgimento de mais informações tais indagações possam ser definitivamente respondidas, levando a produção de novos trabalhos seja desta instituição ou uma outra a qual ainda não teve sua história contada.

REFERÊNCIAS

FONTES

Jornal O Horizonte, 1 de Janeiro de 1886. Pg. 2. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal O Horizonte, 17 de Janeiro de 1886. Pg. 3. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal O Jornal de Sergipe, 29 de Janeiro de 1881. Pg. 4. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>

Jornal A Gazeta de Sergipe, 25 de Janeiro de 1890. Pg. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>

Jornal A Gazeta de Sergipe, 9 de Março de 1890. Pg. 2. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>

Jornal A Gazeta de Sergipe, 13 de Março de 1890. Pg. 2. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>

Jornal A Gazeta de Sergipe, 9 de Março 3 de 1890. Pg. 4. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>

Jornal Diário da Manhã, 2 de Fevereiro de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 4 de Fevereiro de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 26 de Fevereiro de 1911. Pg. 2. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 6 de Abril de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 20 de Abril de 1911. Pg.1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 23 de Abril de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 25 de Abril de 1911. Pg.1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 29 de Abril de 1911. Pg.1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 3 de Maio de 1911. Pg. 2. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 9 de Maio de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 10 de Maio de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 28 de Maio de 1911. Pg. 2. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 7 de Julho de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 13 de Julho de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 18 de Julho de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 19 de Julho de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 22 de Julho de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 27 de Julho de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 8 de Agosto de 1911. Pg. 2. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 18 de Agosto de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 5 de Setembro de 1911. Pg. 2. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 13 de Setembro de 1911. Pg. 2. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 7 de Setembro de 1911. Pg. 2. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 8 de Novembro de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 10 de Novembro de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 11 de Novembro de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 21 de Novembro de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 23 de Novembro de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 24 de Novembro de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Jornal Diário da Manhã, 30 de Novembro de 1911. Pg. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

BIBLIOGRAFIA

ANUNCIAÇÃO, Tássia Oliva de Souza. O TEATRO ATHENEU E SUAS MEMÓRIAS: PALCO-CASA DA ARTE EM ARACAJU- SERGIPE. 2019. 77f. Monografia- Universidade Federal de Sergipe, 2019.

NOGUEIRA, Adriana Dantas. ANÁLISE SINTÁTICO-ESPACIAL DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE ARACAJU (1855 – 2003). 2008. 365f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

PRADO, Décio de Almeida, 1917. História do Teatro Brasileiro: 1570-1908 / Décio de Almeida Prado. - 1. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

PEREIRA, S. Revisão historiográfica da arte brasileira do século XIX. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n.54, p.87-106, 1 mar. 2012.

VILLANOVA, Simone. SOCIABILIDADE E CULTURA: a história dos “pequenos teatros” na cidade de Manaus. (1859-1900). 2008. 275 f. Dissertação (Pós-Graduação em História Social)- Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, 2008.

DIGITAL

BARRETO, Luiz Antônio. Estrangeiros em Aracaju I. Serigy, 2006. Disponível em:

http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=3&titulo=Estrangeiros_Sergipe

TORRES, Anne Samara. O teatro sergipano apresenta sua história. Empautaufs, 2010.

Disponível em:

<https://empautaufs.wordpress.com/2010/05/08/o-teatro-sergipano-apresenta-sua-historia/>